

OBITUÁRIO DE SIGMUND FREUD

SIGMUND FREUD'S OBITUARY

The struggle I faced searching for Sigmund Freud's obituary (1856-1939) while organizing the course "After all, who was Sigmund Freud?" (Afinal, quem foi Sigmund Freud?) – class about his biography that I've been teaching for a while in Brazil – motivated this research, and its result was exciting and enlightening. The idea to compile it in just one file, entitled "Sigmund Freud's Obituary", maybe will make the search easier to future readers. The opportunity to have the original copies in English and in German, thanks to the help of curator Bryony Davies, from FREUD MUSEUM LONDON, allowed us to translate directly from these texts. In order to do so, we gathered and worked on the translation with commitment and affection, giving our best after countless readings and moving reviews. It was a unique and rewarding experience.

Eternal gratitude to Bryony Davies, to the dedicated partnership with dearest friends Silvana Colombo and Vânia Lopes, and also to Gabriela Bonora.

Gisele S. Demarchi

A dificuldade com a qual me deparei ao procurar pelo obituário de Sigmund Freud (1856-1939) durante a organização do curso "Afinal, quem foi Sigmund Freud?" – curso sobre a sua biografia que ministro há algum tempo no Brasil - motivou esta pesquisa, e seu resultado foi emocionante e enriquecedor. A ideia de compilar num único arquivo, intitulado "Obituário de Sigmund Freud", talvez facilite a busca dos novos leitores. A oportunidade de ter as cópias originais em inglês e alemão, graças à ajuda da curadora Bryony Davies, do FREUD MUSEUM LONDON, permitiu-nos traduzir diretamente os textos. Para isto, reunimo-nos e trabalhamos com empenho e carinho nas traduções, dando o nosso melhor, após inúmeras leituras e revisões emocionadas. Foi uma experiência ímpar e gratificante.

Eterna gratidão à Bryony Davies, às parcerias dedicadas das amigas preciosas Silvana Colombo e Vânia Lopes e também à Gabriela Bonara.

Gisele S. Demarchi

Ernest Jones.

ORAÇÃO FÚNEBRE¹

Como um amigo próximo do Professor Freud e de sua família por mais de trinta anos, é meu privilégio dar voz às últimas homenagens a ele. Falo por sua família e seus amigos aqui reunidos, e também penso nos amigos distantes, em Brill, Eitingon, Hanns Sachs e outros, e nas sombras de Abraham e Ferenczi. Nosso primeiro pensamento deve ser certamente para o próprio falecido. Aqueles que sabem dos horrores do sofrimento pelos quais ele passou, sofrimento que atingiu uma intensidade revoltante nos últimos meses², devem estar tomados pelo sentimento de alívio pelo seu próprio bem. Ele não mais sofrerá. Foi difícil desejar que ele vivesse mais um dia quando sua vida estava reduzida a um alfinete de sua própria agonia. Tampouco ele temia a morte, e aquilo que nos outros se expressava como sentimento religioso, nele era uma crença transcendente no valor da vida, no valor do amor. Assim, pode-se dizer que nenhum outro homem amou mais a vida e temeu menos a morte do que ele. Ele viveu uma vida completa, experimentou e sentiu tanto os momentos altos quanto os baixos da vida, ele aqueceu as duas mãos com o fogo da vida, e a vida não tinha nada mais a lhe oferecer. Ele morreu cercado de todo cuidado amoroso, em uma terra³ que mostrou a ele mais cortesia, mais estima e mais honra do que a sua própria ou qualquer outra o tenha feito, uma terra a qual eu acredito que ele valorizou mais do que todas as outras. Ele está sendo enterrado hoje na atmosfera que ele teria desejado, de verdade nua e crua e realismo, de pura simplicidade, sem uma nota de pompa ou cerimônia.

Ele não perdeu nada através da morte, então nós não podemos de fato lamentar o seu fim. Mas e quanto a nós? Um mundo sem Freud! Um mundo sem esta personalidade vibrante, um mundo sem este sorriso bondoso e cativante. Sem seus sábios e afiados comentários sobre as grandes e pequenas coisas da vida, sua *Großzügigkeit* (generosidade) em ajudar prontamente. Não faz muito tempo desde que ele me escreveu sobre um triste infortúnio: *Leider kann ich hier*

¹ Texto traduzido do original em inglês.

² Segunda Guerra Mundial - *Anschluss* (anexação da Áustria pela Alemanha); a própria doença, o câncer. [[N.T.: nota da tradutora]

³ S. Freud saiu de Viena em 1938 para exilar-se em Londres (London), decorrente da invasão nazista. [N.T.]

nur mit Geld helfen (Infelizmente, aqui só posso ajudar com dinheiro). Quão pequena esse tipo de ajuda parecia quando comparada aos seus hábitos. Em meu primeiro encontro com ele, há muito tempo, três qualidades em particular causaram em mim uma impressão que apenas se aprofundou com o passar dos anos. Em primeiro lugar sua nobreza de caráter, sua *Erhabenheit* (grandeza). Era impossível imaginá-lo fazendo algo mesquinho ou pensando algo mesquinho. Muitos anos atrás, ele se correspondeu com Putnam sobre o tema da ética. Putnam mostrou as correspondências para mim e eu me lembro dessas duas frases: *Ich betrachte das Moralische als etwas Selbstverständliches* (Eu considero a moral como algo evidente). *Ich habe eigentlich nie etwas Gemeines getan* (Eu nunca fiz algo maldoso). Quantos de nós, se buscarmos em nossos corações, poderíamos verdadeiramente dizer isso? Aqueles de nós que têm conhecimento em relação às imperfeições da humanidade nos deprimimos quando pensamos em nós mesmos ou nos nossos semelhantes. Nesses momentos, nós nos lembramos dos espíritos raros que transcendem a pequenez da vida, dando à vida sua glória e nos mostrando a imagem de verdadeira grandeza. São eles que dão à vida seu verdadeiro valor. Não existem muitos desses espíritos raros e Freud estava entre os maiores deles.

Junto a isso, seu amor direto e instintivo pela verdade, seu ódio por todas as mentiras, ambiguidades e evasivas. Sente-se que ninguém jamais poderia mentir para ele. Não só porque seria inútil, mas também porque qualquer vontade de fazê-lo desapareceria em sua presença. Com seu amor pela verdade vinha também o pela justiça e tratamento justo. *Fairness* (equidade) era uma das palavras em inglês que ele mais gostava. Finalmente, sua coragem e inflexível determinação. Estas dizem mais respeito à sua vida científica, sobre a qual não estamos aqui pensando em primeiro lugar; mas quando alguém recordar seus detratores nesse campo e sua impermeabilidade aos seus ataques, muitos de nós nos lembraremos das linhas do *Adonais* de Shelley:

“He wakes or sleeps the enduring dead”;
Thou canst not soar where He is sitting now”.⁴

⁴ Poema traduzido por Fernando Guimarães: “Ele acorda ou dorme com os mortos duradouros”; “Você não pode voar onde ele está sentado agora”. [N.T.]

Uma grande alma partiu deste mundo. Como a vida pode manter seu sentido para aqueles a quem ele era o centro da vida? No entanto, nós não sentimos como se fosse uma verdadeira partida em seu sentido pleno, já que Freud tanto nos inspirou com sua personalidade, seu caráter e suas ideias, das quais jamais poderemos nos separar verdadeiramente, até que nós mesmos, em quem ele vive, partamos. Seu espírito criativo era tão forte que ele se infundiu em outros. Se alguma vez um homem pudesse dizer ter conquistado a morte, continuado a viver apesar do Rei dos Terrors, o qual não era nenhum terror para ele, esse homem era Freud.

E assim nos despedimos de um homem cuja índole não conheceremos novamente. Dos nossos corações nós o agradecemos por ter vivido, por ter feito e por ter amado.

Tradução/translation: Gabriela Bonara de Farias Trindade - Formada em Direito, professora de línguas estrangeiras. Live in Brazil. Phone number +55 14 998005020 - gabrielabonaraft@gmail.com

Organização/Organization: Gisele S. Demarchi - Psicóloga Clínica – Membro do Núcleo de Psicanálise de Marília – SP. Coordenadora do curso “Afinal, quem foi Sigmund Freud?” Live in Brazil. Phone number +55 14 997144697 - giselesdemarchi@gmail.com

Discurso de Stefan Zweig

Cerimônia de Cremação de Sigmund Freud ⁵

26 de setembro de 1939

Golders Green Crematorium de Londres

“Permitam-me, na presença deste glorioso corpo, umas palavras de imenso reconhecimento em nome de todos os amigos vienenses, austríacos e

⁵ Texto traduzido do original alemão. [N.T.]

estrangeiros, na língua⁶ que Sigmund Freud enriqueceu e enobreceu com a sua obra de maneira tão grandiosa. Tenhamos, sobretudo, consciência de que nós, aqui reunidos por um luto em comum, vivemos um momento histórico que o destino certamente não nos concederá uma segunda vez. Lembremos que para outros mortais, para quase todos os mortais, no breve minuto em que o corpo esfria, a sua existência, a sua presença entre nós, termina para sempre. Mas para este homem diante do qual nós estamos, este homem único nesta nossa época desconsolada⁷, a morte é apenas um fenômeno fugaz e quase desprovido de essência. Neste caso, desaparecer do meio de nós não é o fim, não é um duro encerramento, mas simplesmente uma transição suave da mortalidade para a imortalidade. Pela transitoriedade do corpo que hoje perdemos dolorosamente, salva-se o imperecível de sua obra e de seu ser – nós todos nessa sala, que ainda respiramos e vivemos e falamos e escutamos, todos, todos juntos não estamos vivos em sentido espiritual nem uma milésima parte sequer de como está este nobre morto em seu estreito esquife terreno.

Não esperem que eu louve diante dos senhores os feitos em vida de Sigmund Freud. Os senhores conhecem sua obra, e quem não a conhece? Quem da nossa geração não foi moldado intimamente e transformado por ela? Esta magnífica descoberta da alma humana vive como lenda imortal em todos os idiomas, e isto no mais *stricto sensu* da palavra, por que existe acaso uma língua que pudesse prescindir e abster dos conceitos, dos vocábulos que ele extraiu do crepúsculo do pré-consciente? Moral, educação, filosofia, arte poética, pintura e psicologia, todas e todas as formas de criação espiritual e do entendimento anímico, há duas ou três gerações, foram enriquecidas e revalorizadas por ele como por nenhum outro de nossa época – mesmo os que não sabiam de sua obra ou se voltaram contra seus conhecimentos, mesmo aqueles que não reconheceram seu nome, estão inconscientemente em dívida com ele e submetidos à sua vontade espiritual.

Cada um de nós, homens do século XX, seria diferente sem ele no pensamento e compreensão; cada um de nós pensaria, julgaria, sentiria de

⁶ Aqui o autor se refere à língua alemã (German language). [N.T.]

⁷ Período da Segunda Guerra Mundial. Viena sofrera com o advento da anexação da Áustria pela Alemanha (*Anschluss*). S. Freud, em 1938, vai para seu exílio em Londres (London). [N.T.]

forma mais estreita, menos livre, mais injusta sem suas ideias inovadoras, sem aquele poderoso impulso em direção ao âmago que ele nos legou. E cada vez que tentarmos penetrar no labirinto do coração humano, sua luz espiritual estará ainda em nosso caminho.

Tudo o que Sigmund Freud criou e anunciou como descobridor e guia permanecerá conosco no futuro; somente uma coisa nos deixou: o próprio homem, o amigo precioso e insubstituível.

Eu acredito que todos nós, sem distinção, por diferente que sejamos, nada ansiamos tão vivamente em nossa juventude como ver formado diante de nós, em carne e sangue, o que Schopenhauer nomeou como a forma suprema do ser-aí (*Dasein*): a existência moral, uma trajetória heroica. Todos sonhamos, quando crianças, encontrar um desses heróis sábios, por meio do qual pudéssemos nos formar e desenvolver substancialmente, um homem indiferente às tentações da glória e da vaidade, um homem de alma plena e responsável, devotado exclusivamente a sua tarefa, uma tarefa que, por sua vez, serve não a si mesmo, mas a toda humanidade. Este sonho entusiasmado de meninice, este postulado cada vez mais rígido de nossa maturidade, este morto realizou de forma inesquecível com a sua vida e nos presenteou com uma felicidade espiritual sem precedentes. Aqui está ele finalmente, em meio a uma época vaidosa e ultrapassada: o homem imperturbável, que buscou de forma convicta a verdade, ao qual nada neste mundo era mais importante que o absoluto, o definitivo. Aqui está ele, por fim, diante de nossos olhos, diante de nossos corações reverentes, o mais nobre, o mais perfeito tipo de pesquisador com seu dilema eterno – cauteloso, por um lado, examinando cuidadosamente, refletindo por sete vezes e duvidando de si mesmo enquanto ele não tinha certeza de um conhecimento, mas, tão logo ele conquistasse uma convicção, a defendia contra a oposição de um mundo inteiro. Por meio dele, nós e nosso tempo experimentamos uma vez mais de forma exemplar que não há sobre a terra bravura mais esplêndida do que a liberdade e a independência deste homem intelectual; essa sua coragem de encontrar conhecimento permanecerá inesquecível para nós, conhecimentos que outros não descobriram porque não ousaram encontrar ou mesmo expressá-los e confessá-los. Mas ele ousou e ousou, incessantemente, sozinho contra todos, ousou aventurar-se onde

ninguém antes tinha pisado, até o último dia de sua vida; que exemplo ele nos deu com essa bravura intelectual na luta eterna da humanidade pelo conhecimento!

Mas nós, que o conhecíamos, também sabemos que comovente modéstia pessoal habitava ao lado desta coragem pelo absoluto, e como ele, esta alma maravilhosamente forte, foi ao mesmo tempo o mais compreensivo sobre todas as fraquezas psíquicas nos demais. Este duplo tom profundo – a severidade do espírito, a generosidade do coração – originou ao final de sua vida a mais perfeita harmonia que se possa conquistar no mundo espiritual: uma sabedoria pura, clara e outonal. Quem o vivenciou em seus últimos anos era consolado em uma hora de conversa íntima sobre o contrassenso e a loucura de nosso mundo e, frequentemente, nessas horas, desejei também aos mais jovens que tivessem esta oportunidade, para que numa época em que não pudermos mais testemunhar a grandeza da alma deste homem ainda assim pudessem dizer com orgulho: “Eu vi um homem verdadeiramente sábio, conheci Sigmund Freud”.

Algo pode nos reconfortar nesta hora: Freud havia concluído sua obra e havia concluído em plenitude a si mesmo, intimamente. Senhor até mesmo do inimigo primordial da vida, a dor física, por meio da firmeza do espírito, por meio da tolerância da alma e não menos senhor na luta contra o próprio sofrimento, como o fez ao longo de sua vida na luta contra o desconhecido e, portanto, foi exemplar como médico, como filósofo, como autodidata, até o último amargo instante. Obrigado por tal exemplo, amado e honrado amigo, e obrigado por sua grande e criadora vida, obrigado por cada um de seus atos e obras, obrigado pelo que foi e pelo que verteu de si em nossas almas – obrigado pelos mundos que abriu para nós e que agora percorremos sozinhos, sem guia, sempre fiéis a você, sempre nos recordando de você com um profundo respeito, amigo mais precioso, mestre mais amado, Sigmund Freud.”

Stefan Zweig

Tradução/translation: Silvana Colombo de Almeida – trabalha como professora e tradutora do idioma alemão, é mestre em Filosofia e advogada. Reside no Brasil. *She is a German teacher and translator, Master of philosophy and lawyer based in Brazil. Phone number: +55 14 997249410 – e-mail: sil_colal@hotmail.com*

Organização/Organization:

Gisele S. Demarchi - Psicóloga Clínica – Membro do Núcleo de Psicanálise de Marília. Coordenadora do curso: “Afinal, quem foi Sigmund Freud?” Live in Brazil. Phone number +55 14 997144697 - giselesdemarchi@gmail.com

Vânia Maria Martins Lopes – psicóloga – membro Filiado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo; professora da Famema – Faculdade de Medicina de Marília e Membro do Núcleo de Psicanálise de Marília. Live in Brazil. Phone number +55 14 991216803 – vaniammlopes.ml@gmail.com